

**A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO NAS CULTURAS ORIGINÁRIAS
INDÍGENAS KAINGANG E GUARANI E O CONSEQUENTE SINCRETISMO
RELIGIOSO ¹**

THE CHRISTIAN INFLUENCE IN THE ORIGINATING INDIGENOUS CULTURES
GUARANI AND KAINGANG AND THE CONSEQUENTIAL RELIGIOUS SYNCRETISM

Ederson Nadir Pires Dornelles²

Resumo: O presente artigo busca analisar a influência do cristianismo junto a duas das importantes etnias indígenas, kaingangs e guaranis, presentes em grande número no território brasileiro. Objetiva trazer a discussão particularidades e possível sincretismo religioso presentes, resultante da mistura de religiosidades distintas como a tribal, originária dos próprios grupos indígenas, e a cristã trazida primeiramente pelos jesuítas e colonizadores europeus portugueses e espanhóis, resultado da contra reforma empregada pela Igreja Católica. Faz um comparativo dessa influência em cada uma das etnias indígenas em questão procurando demonstrar a realidade vivenciada por cada grupo indígena e uma possível distinção entre elas quanto a influência da religiosidade cristã atualmente nestes dois grupos. O método empregado para a construção deste trabalho foi o de abordagem hipotético-dedutivo, pesquisa bibliográfica e científica e abordagem histórica.

Palavras-chave: Sincretismo religioso. Indígenas. Cristianismo. Guaranis. Kaingangs.

Artigo recebido em 08/11/2016. Aprovado em 29/11/2016.

¹ Artigo desenvolvido junto a disciplina: Direito, cultura e religião do Programa de Pós graduação em Direito, Mestrado e Doutorado (URI) Santo Ângelo- RS.

² Mestre em Direito e multiculturalismo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, campus Santo Ângelo-RS. Pesquisador da área indígena, com publicações relacionados ao tema. E-mail: ederdor@yahoo.com.br.

Abstract: This article tries to analyze the influence of Christianity with two of the important indigenous ethnic groups, Kaingangs and Guarani, present in great numbers in the Brazilian territory. It aims to bring to the discussion particularities and possible religious syncretism present resulting from the mixture of distinct religiosities like the tribal one, originating from the indigenous groups themselves, and the Christian brought first by the Portuguese and Spanish colonizers, a result of the counter reformation employed by the Catholic Church. It compares this influence in each of the indigenous groups in question, trying to demonstrate the reality experienced by each indigenous group and a possible distinction between them as to the influence of Christian religiosity in these two groups. The method used for the construction of this work was the hypothetical-deductive approach, bibliographical and scientific research and historical approach.

Key-words: Religious syncretism. Indigenous. Christianity. Guarani and Kaingang

Introdução

Esse artigo busca demonstrar as diferentes influências do cristianismo nas etnias indígenas, kaingang³ e guarani⁴, no processo histórico de colonização do

³ Os Kaingang estão entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil. Falam uma língua pertencente à família linguística Jê. Junto com os Xokleng, integram o ramo Jê Meridionais. Sua cultura desenvolveu-se à sombra dos pinheirais, ocupando a região sudeste/sul do atual território brasileiro. Há pelo menos dois séculos sua extensão territorial compreende a zona entre o Rio Tietê (SP) e o Rio Ijuí (norte do RS). No século XIX seus domínios se estendiam, para oeste, até San Pedro, na província argentina de Misiones. Atualmente os Kaingang ocupam pouco mais de 30 áreas reduzidas, distribuídas sobre seu antigo território, nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com uma população aproximada de 34 mil pessoas. Sozinhos, os Kaingang correspondem a quase 50% de toda população dos povos de língua Jê, sendo um dos cinco povos indígenas mais populosos no Brasil.

⁴ Os guaranis são uma das mais representativas etnias indígenas das Américas, tendo, como territórios tradicionais, uma ampla região da América do Sul que abrange os territórios nacionais da Bolívia, Paraguai e Argentina. No território brasileiro esse grupo indígena vive principalmente no estado do Mato Grosso, estados do sudeste e região sul. Os Guarani vêem seu mundo como uma região de matas, campos e rios, como um território onde vivem segundo seu modo de ser e sua cultura milenar. Do território tradicional, historicamente ocupado pelos guaranis, que se estende por parte da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil, os guarani ocupam hoje apenas pequenas ilhas. Seu território, o solo que se pisa, é um tekoha, o lugar físico, o espaço geográfico onde os guarani são o que são, onde se movem e

território brasileiro, bem como nos dias atuais, frente à prática religiosa implementada pelas religiões cristãs católicas e evangélicas (tradicional ou pentecostal). Estas duas etnias indígenas existentes atualmente no território brasileiro, acabaram sofrendo influências da religiosidade cristã de forma diferenciada. Os guaranis mantendo quase que intacta a cultura e a religiosidade tribal, não admitindo a presença de outra religião que não a sua originária, e os kaingangs, sofrendo a influência do cristianismo que acabou misturando-se a sua religião tribal originária, resultando assim, em uma nova cultura religiosa, demonstrando a existência na prática de um real *sincretismo religioso*.⁵

Este artigo traz num primeiro momento um histórico da reforma protestante liderada por Martin Lutero e conseqüentemente da contra reforma empregada pela Igreja católica, contra reforma esta que acabou sendo ponto fundamental no processo de expansão e propagação do cristianismo em novos continentes, resultando no encontro dos religiosos com os indígenas brasileiros. Posteriormente expõe como foi o processo liderado pela Companhia de Jesus através dos padres jesuítas de catequização dos povos originários brasileiros, diante das inúmeras adversidades apresentadas nesse processo de catequização.

Num terceiro momento traz ao debate mais especificamente, os resultados e a influência da religiosidade cristã na cultura religiosa da etnia guarani, fazendo alusão primeiramente aos religiosos jesuítas quando da colonização como também nos dias atuais, onde se verifica a presença de diversas denominações religiosas que buscam difundir a visão cristã entre os guaranis. Por fim expõe, a realidade da etnia kaingang frente a histórica influência do cristianismo na sua cultura religiosa, mostrando como

onde existem. Esses povos guardam tradições e religiosidade de tempos muito antigos, que trazem na memória que vão atualizando em seu cotidiano, através de seus mitos e rituais.

⁵ O sincretismo religioso é a mistura entre elementos de duas ou mais religiões, em que a própria história através de eventos como guerras, invasões, catástrofes naturais, acabam moldando a sociedade e podem influenciar diretamente em suas crenças religiosas.

esses indígenas acabaram absorvendo costumes cristãos e os pondo em prática juntamente com a religiosidade tribal originária.

1. A reforma protestante e a contra reforma católica

A reforma protestante liderada por Martin Lutero empregada na Igreja, definitivamente dividiu os cristãos em católicos e evangélicos. Dependendo do ponto de vista, pode-se ter vários conceitos, mas observa-se a reforma como um movimento de retorno aos padrões bíblicos do Novo Testamento. Isso expressa a realidade da reforma, pois tudo que se fez tinha a finalidade de levar as pessoas a se aproximarem de Deus através de um relacionamento profundo com ele. A reforma aconteceu na Alemanha, mas logo, se espalhou por grande parte da Europa em países como a Inglaterra, Suíça, França, Escócia etc. Em cada desses países se destacou um líder que acabou levando avante este movimento e fez o mesmo chegar ao êxito (DAWSON, 2014, p.55). O século XVI foi a era das grandes navegações realizadas pelas superpotências Portugal e Espanha e, conseqüentemente, das grandes descobertas. Com isso o mundo não se limitava mais à Europa, mas o novo mundo trouxe novos horizontes de conquista e expansão. Surgem as nações-estados e a Europa começa a se fragmentar em países independentes politicamente uns dos outros. Há grandes transformações intelectuais com o surgimento dos humanistas cristãos, os quais tiveram um interesse profundo pelo estudo das escrituras sagradas e das línguas originais onde começaram a fazer uma comparação entre o Novo Testamento e o que a Igreja Católica Romana estava vivendo (VEIGA, 1990, p. 18).

Esta reforma na época contou com a simpatia de diversos setores da sociedade, visto que viam em Lutero um defensor que trazia novas concepções religiosas. Além disso, os simpatizantes da reforma viam a possibilidade de terem uma Igreja própria e independente do estado, sem o totalitarismo que se fazia presente e o comprometimento que existia por parte dessa Igreja com os Monarcas. Além dos camponeses, que em grande número apoiavam as ideias de Lutero, a nobreza

juntamente com Monarcas de *estados nascentes*, vislumbravam na reforma protestante, a possibilidade de confiscarem terras da Igreja e aumentarem as suas posses e conseqüentemente o seu poder. O apoio de todos esses grupos acabou sendo de fundamental importância para a consolidação da reforma protestante. Com a efetivação da reforma, houve o enfraquecimento do poder da Igreja católica e do papado e em contra partida o fortalecimento do poder secular. Essa reforma foi, dentre outros acontecimentos, fundamental na passagem da idade média para a idade moderna, pois acabou com a unidade religiosa existente na idade média além de colaborar com o estímulo ao crescimento do Estado moderno (DAWSON, 2014, p.56).

A reforma protestante gerou uma considerável perda de fiéis da Igreja católica, mas apesar do enfraquecimento considerável da Igreja, ela ainda era um poder político significativo sobre a parte latina da Europa. Diante do contexto encontrado, algo teria que ser feito para que a Igreja católica não enfraquecesse ainda mais, e partindo do poder que a Igreja detinha nessa parte latina da Europa, foi desencadeado um movimento, principalmente contra a ameaça que a doutrina luterana representava, chamado de contra reforma ou de reforma católica (BEDIN, 2013, p.78).

A contrarreforma ocorreu a partir do Concílio de Trento, e teve a Companhia de Jesus pertencente à ordem dos jesuítas como base do seu funcionamento.

A Companhia de Jesus trouxe a esperança de um renascimento religioso baseado nas cerimônias, na tradição e no poder do sacerdote de conceder perdão. Da mesma forma que os luteranos na Alemanha buscavam alfabetizar as massas para que estas pudessem ler a bíblia, os jesuítas procuravam trazer um acréscimo intelectual aos leigos, sobretudo aos ricos e poderosos. Conquistaram posições como confesores dos príncipes e os exortaram a intensificar seus esforços para fortalecer a Igreja em seus territórios (BEDIN, 2013, p.79).

A Igreja Católica, dentro da sua política contra reformista tinha alguns objetivos bem claros, primeiramente não perder ainda mais os espaços políticos a ela pertencentes, e segundo, conquistar novos espaços a fim de ampliar e marcar a sua presença. As novas terras descobertas por Portugal e Espanha era um desses lugares,

pois tinha grande amplitude, e um vasto território a possibilitar o crescimento almejado pela Igreja. A Companhia de Jesus, através dos padres jesuítas reunia muitas características que se encaixavam na missão *militante e missionária* que a Igreja católica almejava, pois possuía uma organização considerada até certo ponto com perfis militares, profunda convicção religiosa, disposição para propagar a fé por meio da pregação pública, além de uma formação intelectual bastante marcante. Todas essas características faziam da Companhia de Jesus e dos padres jesuítas peças fundamentais para os planos e objetivos a qual a Igreja católica se propunha. Dentro desse contexto, a Igreja passou a contar também com uma importante aliança, que possibilitou a busca pelo que estava proposto pela contrarreforma, o apoio dos reis católicos, e a formação de numa espécie de *aliança estratégica* contra o protestantismo. Essa aliança possibilitou transformações, pois afetaram a fé, a Igreja e a sociedade de uma forma geral, além de ter sido decisivo para a formação dos estados europeus, bem como possibilitou o entrelaçamento da coroa e a Igreja no processo de conquista dos novos territórios no novo mundo, ponto esse fundamental para os planos da Igreja (VEIGA,1990, p.80).

2. A Companhia de Jesus e o processo de catequização dos indígenas

Com a chegada dos europeus no continente americano, desenvolveram-se distintas fases com relação aos indígenas. Tendo nos primeiros dez anos da conquista, o envolvimento dos índios com a extração do pau Brasil, fase esta que embora de certa forma escravista, acabou trazendo certa tranquilidade entre as duas culturas (índios e europeus). Posteriormente com a implantação da agricultura, primeiramente a cultura da cana de açúcar, acabou ocorrendo verdadeiros massacres e extermínio de etnias e tribos, dizimadas tanto pelas forças militares do governo central, quanto pelos colonizadores, que em busca da posse por novas terras, então ocupadas por índios, acabaram entrando em confrontos com esses, chacinando milhares deles, diante da negativa de se submeterem ao processo de escravização (RIBEIRO, 1981, p. 25).

Frente aos inúmeros conflitos e as resistências empregadas pelos indígenas, o governo geral liderado então por Mem de Sá, sentiu a necessidade do envolvimento da Companhia de Jesus no processo de catequização dos índios, a fim de facilitar o trabalho desenvolvido pela coroa, e não tê-los como empecilhos no processo de colonização realizado pelo governo central (AGNOLIN, 2007, p.15).

Os jesuítas tinham uma missão pré-definida, onde estavam contidas as ideias de um cristianismo universal, sendo atingível a todos, um objetivo de unir o sagrado e o profano através de suas pontes de ligação. Entendiam que os povos já existentes no Brasil estavam perdidos e distantes de Deus, pensavam que se deveria ler, representar e interpretar a palavra divina, que se decifraria o mundo desconhecido e o inseriria no universo cristão, um controle do saber e do poder que traduzia-se no controle das práticas profanas onde a civilização cristã era o único modelo a ser seguido pelos infiéis (PAIVA, 2003, p.43).

A catequização dos índios pelos padres jesuítas acabou sendo realizada em meio a tensões e conflitos, mas teve que passar por ajustes e negociações e certas garantias de confiança de ambas as partes. Para conseguirem seu objetivo, os jesuítas desenvolveram técnicas de contato e atração dos índios e logo aprenderam suas línguas e, a partir disso, os reuniram em povoados que, por vezes, abrigaram milhares de indivíduos, as chamadas missões. Eram, em larga medida, autossuficientes, dispunham de uma completa infraestrutura administrativa, econômica e cultural que funcionava num regime comunitário, onde os nativos foram educados na fé cristã e ensinados a criar arte às vezes com elevado grau de sofisticação, mas sempre em moldes europeus (PRIORE, 2004, P.50).

O processo de conversão empregado aos índios incidia preferencialmente no batismo e conseqüente pregação de uma cultura que envolvia certa *demologia*, pois empregava, símbolos e culturas europeias, ensinada pela igreja na administração do ensinamento e do sacramento aos índios. Os padres jesuítas dentro do que estavam propostos a ensinar aos indígenas tinham um procedimento peculiar em suas regras

de catequese, a de condenar as crenças e os tipos de cerimônias realizadas pelos ameríndios (PAIVA, 2003, p.41). Para facilitar a assimilação da religião católica pelos indígenas, os jesuítas sentiram a necessidade de associar ao seu Deus e santos os nomes de algumas divindades Tupis, pois assim o processo de catequização católica seria realizado com alguma similaridade a certas crenças indígenas. A catequização empregada aos índios pelos padres espanhóis acabou sendo um inédito processo civilizador, visto que se qualificou o indígena então *selvagem* a partir de um grau zero de etapas de civilização. Nesse difícil processo de catequização, foi necessária em um primeiro momento, a criação de uma língua que permitisse a comunicação entre jesuítas e índios e para colaborar com o difícil trabalho de tradução existente, foi então criada a chamada língua geral da costa, com uma estrutura gramatical latina e com modelos de discursos usados nos catecismos ibéricos (AGNOLIN, 2007, p.17).

Tanto na Espanha do século XV quanto nos novos mundos americanos, verificou-se um dado nov. Enquanto na Espanha, Mouros e Hebreus tinham adquirido um novo estatuto de alteridade (interna à Europa), a América havia desvendado uma alteridade externa nova e desconhecida. Nos dois casos num primeiro momento, a ideia entusiástica da conversão de marca profundamente profética, foi causa de uma apressada realização de batismos em massa de hordas de novos cristãos. A simples marca de uma conversão acabou criando mais problemas, e para resolver essa questão, foi fundamental a introdução da confissão além do batismo, como verdadeira porta de acesso ao cristianismo. Os sermões e os catecismos foram instrumentos fundamentais para o projeto de conversão e catequização implantado pelos jesuítas aos indígenas, criando preceitos no qual era necessário obedecer. A catequese destinada a corrigir, juntamente com deveres morais e civis de novos cristãos, foi essencial para a conversão dessas populações então selvagens (KAKU; DORNELLES, 2011, p.246).

A catequização dos indígenas realizada pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus acabou introjetando o cristianismo por meio de um processo de culpabilização, juntamente com estigmas das tradições indígenas. A apresentação dos sacramentos

para os índios por parte dos padres se fez não de forma livre e democrática, mas sim, de forma impositiva, com o objetivo de modificar suas crenças e costumes. A proibição por parte dos padres de usos e costumes ancestrais indígenas, a implementação da disciplina de horários, ofícios divinos e serviços, a tentativa de vestir os índios com algodão ou com o que fosse para que os seus corpos nus não fossem vistos, dentre outros costumes da Igreja acabaram modificando uma cultura indígena primária, e a transformando em uma cultura marcada por crenças e costumes europeus (AGNOLIN, 2007, p.48).

3. O índio Guarani e a influência da religiosidade cristã em sua cultura originária

Os povos Guaranis quando da colonização do território brasileiro eram em grande número e estavam presentes em praticamente todo o território, esses guaranis, como já visto, foram submetidos ao trabalho tutelar e conversionista de missões cristãs lideradas pela Igreja Católica. Atualmente esse processo de busca e conversão ao cristianismo através de religiões ainda existe, embora diferentemente do que ocorreu no período colonial. Por muito tempo, durante e após a chegada dos padres jesuítas, essas missões foram exclusivas ou predominantemente católicas, diferentemente dos dias atuais onde diversas missões evangélicas, dentre elas, grupos e igrejas pentecostais, acabam buscando divulgar o cristianismo com o objetivo de converter indivíduos e grupos indígenas (GUIMARÃES, 2009, p.14). Os indígenas guaranis que viviam nas reduções jesuíticas aprenderam os princípios do cristianismo regido pelo trabalho agrícola e artesanal, mas apesar da influência dos missionários católicos e da religiosidade cristã, curiosamente preservam até os dias atuais a sua cultura religiosa tribal, demonstrando apesar dos ensinamentos cristãos a eles ensinados, uma incrível resistência e persistência em manter viva a sua própria religiosidade, demonstrando assim uma rara vocação de fidelidade a sua própria religião. A cultura guarani revela resistência das diferentes situações de contato, e sobretudo o caráter fundamental da

sua religião se mostra particularmente imune ao contato com representantes do mundo cristão (BRANDÃO, 1990, p.11).

Algumas características são peculiares da cultura e da religiosidade guarani. Distinguem os indígenas dessa etnia ações boas e más, indivíduos bons ou maus, mas em sua doutrina original, não reconhece, a não ser vagamente, a responsabilidade moral. Na sua crença, o indivíduo é bom ou mau por natureza, como que por fatalidade. A religiosidade guarani possui certas características distintas da crença cristã. Por exemplo, para o cristão a vida na terra oferece oportunidades para poder merecer o céu, dependendo do que o cristão realize poderá ele ter o direito ou não de ir para o céu. O guarani não precisa merecer o céu, pois todos são destinados à felicidade eterna, não havendo a ideia de remuneração existente na doutrina cristã (BRANDÃO, 1990, p. 14).

Frente à presença de inúmeros grupos missionários cristãos, dentro ou ao redor de uma mesma aldeia, os guaranis em alguns casos, acabam de certa forma aceitando a identificação de cristãos, havendo entre eles os católicos e os *crentes* (evangélicos pentecostais). Na verdade, ocorre aí, um desdobramento estratégico que permite ao índio guarani e a uma lógica indígena, reconhecer a religiosidade para dentro da tribo e outra para as interações externas, reconhecendo a religião tribal como sendo a sua verdadeira, e tendo a adesão ao cristianismo como uma necessidade de reconhecimento dos regionais (SCHADEN, 1982, p. 57). Mesmo entre indígenas com culturas *cristianizadas* ou índios que acabaram escapando do trabalho missionário cristão, o que se vê realmente é uma religiosidade coletiva tribal, ou seja, uma cultura religiosa guarani.

Certo de que a religião de todos os grupos da tribo que hoje vivem no Brasil, no Paraguai e na Argentina, não é cristã, mas a guarani. De tudo o que de possível proveniência cristã, se possa descobrir no conjunto de suas crenças, ritos e cerimônias conservaram-se aspectos tangíveis e formais. O conteúdo é pagão. Entre índios cujos antepassados estiveram direta e indiretamente na órbita de influência dos missionários, ter-se-ia a expectativa de encontrar pelo menos uma mitologia sincrética em que todos os elementos bíblicos e outras

reminiscências cristãs estivessem amalgamados com os relatos autóctones. Mas o que na realidade se registrou é um conjunto de mitos que manteve o seu Genuíno caráter aborígene. Nada do que se depara na estrutura do pensamento mítico religioso reflete a visão do mundo que deve ter sido a dos jesuítas (BRANDÃO, 1990, p. 15).

Existe claramente uma maneira bem característica de como o índio guarani acaba pondo em prática as duas culturas religiosas. Os guaranis não revelam para o exterior o seu modo cotidiano de vida e a sua íntima identidade pessoal com relação a sua família, a aldeia e a religião dos seus ancestrais. Mas tenderá a tornar proclamada a sua adesão a um dos ramos do cristianismo de conversão, o catolicismo ou o evangélico pentecostal. O guarani católico, inclusive, batiza os filhos na Igreja, além de participar das cerimônias e cultuar seus santos e preceitos, mas apesar desse posicionamento mantem-se a crença na religiosidade tribal (SCHADEN, 1982, p.105). Alguns estudiosos defendem que o guarani é a própria religião, pois é impossível ter um guarani sem a sua religiosidade originária, pois ela é a essência dessa etnia. Assim, a religião tribal é, em última análise, um dos elementos aglutinadores do grupo enquanto expressão étnica onde o guarani encontra solidariedade tribal em termos de segurança, apoio, auto identificação, etc. Neste sentido, esta dimensão religiosa é sinônimo de dimensão índia de vida do guarani (BRANDÃO, 1990, p.19).

O índio muitas vezes quando acaba se inserindo dentro de um contexto religioso externo ao seu, busca com essa inserção certo reconhecimento por parte do não índio, e de certa forma reconhecer-se capaz de se colocar diante do branco. Seria uma estratégia consciente do índio, de se adequar a violenta opressão branca. Não seria a existência de um sincretismo religioso, mas, a necessidade de minimizar as desigualdades dessas relações sociais cotidianas existentes entre índios e brancos (LADEIRA, 2008, p.197).

Quando “convertido” a uma religião, católica ou protestante, esse indígena guarani procura muitas vezes certa proteção, mas também a sensação de não ser importunado pelos religiosos que constantemente buscam a conversão dos mesmos as suas religiões (SCHADEN, 1982, p. 22).

Os costumes e a cultura do guarani possuem certas características próprias que de certa forma estão impregnadas no seu modo de ser e que dificilmente serão modificadas. Um exemplo é o que ocorre entre os “*guarani-crentes*”, há queixas dos pastores brancos de que eles são volúveis: mudam de uma para outra igreja e não raros se afiliam a mais de uma, algo impensável na lógica protestante. Isso acaba por demonstrar o que o índio é, ou seja, um índio, com cultura singular e totalmente diferente do que os brancos conhecem (LADEIRA, 2007, p. 201). Em algumas etnias indígenas, um real sincretismo religioso ocorre claramente, pois se vislumbra a presença marcante da religião cristã no dia a dia das aldeias, modificando crenças tribais primitivas em meio ao cristianismo e as características que lhe compõe, formando uma nova cultura mesclada e liderada principalmente pela crença crista, colocando em segundo plano crenças tribais, que muitas vezes acabam por se perderem. Com os índios guaranis esse processo ocorre de forma diversa, pois parece haver uma vocação oposta. O guarani não se deixa corromper pela religião dos brancos, ainda que lhe apresentada de forma dominadora, pois tem impregnada na sua essência a cultura tribal milenar, tida por eles como elemento essencial na sua formação de ser (SCHADEN, 1982, p.109).

4. O índio kaingang e as influências deixadas pelo cristianismo

O índio pertencente à etnia Kaingang possui características diferenciadas do guarani quanto à presença e influência das práticas religiosas não tribais postas em sua cultura. Observa-se um verdadeiro sincretismo religioso presente, onde devido a práticas religiosas cristãs desenvolvidas ao longo de anos, passaram elas a fazer parte da cultura indígena kaingang demonstrando assim a junção de duas religiosidades, a índia e a não índia (VEIGA, 2006, p.159). O sincretismo religioso presente na cultura do indígena kaingang é resultado da fusão de uma cultura indígena tribal originária e tradicional, com religiosidades cristãs. Os primeiros contatos dessa etnia com o

cristianismo foi no século XVII, quando missionários jesuítas andavam perto de seu território. Entretanto foi a partir da fixação das primeiras cidades e principalmente o contato com os colonos que aproximaram os kaingangs do cristianismo. Com o tempo, esses incorporaram símbolos do catolicismo popular e passaram a utilizá-los dentro de suas tradições. Com isso, certas práticas associadas ao cristianismo tomaram novas formas ao serem incorporadas por grupos indígenas e associadas a movimentos milenaristas ou ao xamanismo (KURTZ, 1998, p.35).

A fusão das duas religiosidades (cristã e tribal) se verifica no dia a dia dessas comunidades. Os índios kaingangs recebem normalmente três batismos: o batismo de nome kaingang; o batismo em casa, relacionado ao catolicismo caboclo; e o batismo cristão (católico, evangélico ou pentecostal). A primeira cerimônia é o batismo do nome indígena, que acontece na casa da criança, em uma cerimônia doméstica, marcada por rituais próprios da cultura e carregados de significados índios. O segundo batismo realizado pelos kaingangs é o batismo em casa, também conhecido como “batismo caboclo” por ser comum também aos brasileiros. Esse tipo de batismo faz parte do conhecido “catolicismo popular”, marcado pela reinterpretação da doutrina e adaptação dos ritos religiosos à realidade cultural das comunidades, marcado também em alguns estados, além do cristão, pelo sincretismo indígena e africano (VEIGA, 2006, p.160).

Uma jovem de 15 anos ou 16 anos, mãe solteira de uma criança cujo pai era um homem branco, veio à casa em que eu estava hospedada, pedira Vicente Fókê e sua esposa, Rivaldina Nivê, e à filha deles, Nikê, para batizarem a filha dela. Para esse batismo são necessários três padrinhos: um casal, e uma moça – normalmente solteira – como apresentadora. A apresentadora providenciou um prato com água e três “ramos bonitos” de arruda, enquanto os padrinhos trouxeram uma vela. A apresentadora segurou a criança, enquanto os padrinhos acenderam a vela e seguraram-na acesa na mãozinha do bebê. O padrinho rezou primeiro um Pai-Nosso e, depois, os três juntos rezaram a Ave-Maria, o Credo e a Salve Rainha. Em seguida o padrinho, a madrinha e a apresentadora, dada um por sua vez e nessa ordem, batizaram a criança com os raminhos de arruda. Depois disso Fókê ofereceu o batizado a São João Maria de Agostinho e a Nossa Senhora de Aparecida, pedindo que esses santos protegessem a criança

e sempre iluminassem o seu caminho, para que crescesse forte e ajudasse a sua mãe. Finalmente, cumprimentaram-se os padrinhos e a mãe da criança pronunciando a fórmula de praxe: *lhe estimo por com(p)adre para sempre* (VEIGA, 2006, p.161).

Observa-se claramente neste exemplo, a mistura de elementos indígenas com elementos cristãos, como se vê pelos ramos colocados na água e pela invocação de fortalecimento do corpo da criança, como no batismo do nome indígena. As crianças indígenas kaingangs, no batismo realizado em casa, acabam recebendo nomes portugueses ou cristãos devido à influência da igreja e ao contato realizado com portugueses e seus descendentes. Esse nome acaba precedendo o nome indígena do kaingang, mas existem relatos de alguns casos recentes, que índios estão deixando de usar seus nomes próprios, passando a empregar somente os nomes portugueses, demonstrando com isso, a influência existente de uma cultura externa, na cultura indígena kaingang (VEIGA, 2006, p.162).

O terceiro batismo realizado é o cristão. Esse é celebrado pelo padre da igreja católica, ou ainda por algum pastor evangélico, pentecostal ou não, quando da realização de alguma missa ou culto na área indígena. O objetivo principal da realização desse tipo de batismo é o de estabelecer relações com a sociedade envolvida nessas igrejas e conseqüentemente haver uma maior proximidade com a sociedade não índia (TOMMASINO, 1995, p.102).

As práticas religiosas contemporâneas são apontadas por Tommasino como uma das formas de ampliação do universo sócio cultural kaingang. As famílias indígenas entre si e com as de alguns brancos desenvolveram laços de amizade e compadrio, passando a constituir um grupo social mais amplo. Muitas famílias aderiram às religiões pentecostais ou católica e freqüentam cultos e missas. Nesse sentido, pode-se dizer que os Kaingang, através desses laços de reciprocidade construídos ao longo de sua história, transbordaram os limites para além de suas fronteiras territoriais através da assunção de novas categorias sociais como compadre/comadre, padrinho/madrinha, afilhado, através dos quais o espaço social

Kaingang se viu ampliado para dentro da sociedade nacional. Através dessas categorias interpessoais é que se concretiza uma nova territorialização indígena. (TOMMASINO, 1995, p. 180).

A característica geral da religiosidade interna à aldeia kaingang é uma distinção expressa entre crentes e católicos. Quem participa de religiões não-católicas, de forma genérica, é considerado crente e com uma identidade diferenciada da católica, embora compartilhem espaços de socialização através da participação complementar em atividades comunitárias e dentro das próprias famílias. Neste caso, a articulação entre as denominações religiosas é marcante, pois é possível a esposa identificar-se como crente e o marido como católico, por exemplo. No espaço público a relação complementar pode ser observada, principalmente, nos campos da educação, da saúde e da política. Esta situação pode ser ilustrada através do exemplo de alguns lugares onde é mais aparente (KURTZ, 2004, p. 165).

Em Caseros, além da divisão de funções na liderança, os professores são católicos e o agente de saúde é crente. Entre os funcionários indígenas de Apucarana a serviço da FUNAI há dois católicos e um pastor da Igreja que, além do cargo de professor bilíngüe é diretor da escola indígena da aldeia da Sede. Em Carreteiro, Crentes e católicos têm uma relação de respeito e complementaridade no posto de saúde e na liderança. Geralmente nestas circunstâncias, o relacionamento entre membros das duas linhas religiosas é amistoso, da mesma forma que em momentos festivos – principalmente na festa do dia do índio -, como afirma um entrevistado: “quando a católica faz festa todos os crentes vão e quando os crentes fazem festa os católicos vão.” Uma das formas de expressão do catolicismo popular é através das festas de santos. Por exemplo, em Apucarana há romaria de São Gonçalo no dia vinte de janeiro; festa de Reis, de vinte e cinco de dezembro à seis de janeiro; festa de São Benedito, dia treze de maio; Semana Santa e Natal. No caso destas festas os tiradores de terço são um rã-ioio (riscado) e um rã-kutu (pintado), respectivamente tio (irmão da mãe) e sobrinho (filho da irmã) atuando de forma complementar (KURTZ, 2004, p.167).

A atividade mais intensa dos crentes é a participação nos cultos, mas eles também se reúnem em outras ocasiões como as festas das semanas de missão, importante meio de articulação com outras Terras Indígenas e com a cidade; nas festas

locais; e, nas visitas. Quando uma Igreja está enraizada na aldeia, várias atividades passam a ser mais sistematizadas. Neste caso, chama a atenção os cargos hierárquicos e o alto grau de institucionalização através da formação de grupos internos como grupos de jovens, grupo de mulheres, círculo de oração, grupo de música e escola dominical. Estas atividades equivalem a um sistema de reuniões, de grupos internos e de funções. Com relação às reuniões, de forma geral, as Igrejas organizam estudos bíblicos, refletem sobre como o crente deve andar, como receber os outros, o que fazer em determinadas circunstâncias. Isto ocorre indistintamente para adultos e crianças. Em reuniões com os casais estes são orientados pelos obreiros ou outros irmãos. Há reuniões com os jovens e com crianças através da escola dominical. Esta instituição geralmente está a cargo do dirigente, ou de algum parente próximo a ele, principalmente filha e esposa. Neste sentido há pouca diferença com a prática na cidade, com a diferença de serem reforçados alguns pontos de contraste interno como a limpeza, a irmandade entre grupos, etc (KURTZ, 2004, p. 165). Apesar da grande influência do catolicismo na religiosidade atual encontrada entre os indígenas kaingang, verifica-se nos últimos anos uma participação expressiva desses indígenas em movimentos ligados a igrejas evangélicas pentecostais, onde tem ocorrido grande número de conversões a essas denominações religiosas. Mesmo assim, o sincretismo religioso encontrado entre os indígenas kaingangs é uma realidade presente no dia a dia dessas comunidades.

Considerações finais

Diante da propagação histórica do cristianismo, a forma como diferentes etnias indígenas o receberam demonstra que embora tendo origem indígenas, estes povos possuem culturas próprias e com características diferenciadas umas das outras, o que resultou em entendimentos e posicionamentos diversos quanto a influência de religiões cristãs em suas culturas. Desta forma, pode-se verificar que os indígenas pertencentes a etnia kaingang, ao entrar em contato com a religiosidade cristã

acabaram recepcionando-a absorvendo muitos desses costumes os cultuando juntamente com religiosidades próprias tribais, mesclando culturas religiosas diferentes resultando em práticas tribais com práticas cristãs, em um verdadeiro sincretismo religioso.

De outro lado, indígenas pertencentes a etnia guarani possuem uma íntima ligação com a sua religião originária, onde dificilmente as abandonam em detrimento de outras visões religiosas como é o caso do cristianismo. A religiosidade tribal milenar dessa etnia indígena faz parte do próprio ser guarani. O guarani pode até frequentar cultos ou missas publicamente ou ainda se denominar convertido, mas na prática isso acaba ocorrendo de forma superficial. Ao recolher-se à sua casa, o mesmo pratica a religiosidade tribal, fato intrínseco do ser guarani. A busca por difundir o cristianismo tanto no passado quanto atualmente, reflete uma possível modificação cultural a que os povos indígenas foram e atualmente são submetidos. A mesma visão tida por parte dos jesuítas a respeito da crença dos índios anteriormente é novamente posta em prática pelos religiosos católicos e evangélicos, que buscam difundir o cristianismo tendo os indígenas como uma parcela significativa da população nacional.

Referências

AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens: A negociação da fé no encontro catequético Ritual americano Tupi*. São Paulo: Humanitas, 2007.

_____. *Religião Guarani e Cristianismo*. São Paulo: Revista de Antropologia, vol. 25, 1982.

BEDIN, Gilmar Antonio. *A Idade Média e o Nascimento do Estado Moderno: 2.ed. Aspectos Históricos e Teóricos*. Ijuí: Unijuí, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os guaranis: índios do sul – Religião, resistências e adaptação*. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 22 Set. 2014.

DAWSON, Christopher. *A divisão da Cristandade: Da reforma protestante à era do iluminismo*. São Paulo: É realizações, 2014.

GUIMARÃES, Renato. *Sincretismos Religiosos Brasileiros*. São Paulo: Cosac, 2009.

LADEIRA, Maria Inês. *Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso*. 1. ed. São Paulo e Maringá: EDUSP e EDUEM, 2008.

_____. *O Caminhar sob a Luz: Território Mbya à beira do Oceano*. 1. ed. São Paulo: EDUNESP, 2007.

KAKU, W. S; DORNELLES, E. N. P. Os índios brasileiros e os direitos humanos. In: Florisbal de Souza Del Olmo; Willian Smith Kaku; Liana Maria Feix Suski. (Org). *Cidadania e Direitos Humanos: Tutela e Efetividade Internacional e Nacional*. 1.ed. Rio de Janeiro: GZ, 2011.

KURTZ, Ledson de Almeida. *"Análise antropológica das Igrejas cristãs entre os Kaingang baseado na etnografia, na cosmologia e dualismo."* Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2004.

_____. *Dinâmica religiosa entre os Kaingang do Posto Indígena Xapecó - SC*. 1998. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Centro de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

PAIVA, Joaquim Manuel. Educação jesuítica no Brasil colonial. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C.G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.43-59.

PRIORE, Mary Lúcia. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Ática, 2004.

RIBEIRO, Darcy. *Os Brasileiros: Teoria do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.

SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: 3.ed. Edusp, 1974.

_____. *A religião guarani e o cristianismo*. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1982.

TOMMASINO, Kimyie. *"A história dos Kaingang da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê Meridional em Movimento."* Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1995.

VEIGA, Juracilda. *Aspectos Fundamentais da cultura Kaingang*. Campinas: Curt Nimuendaju, 2006.

VEIGA, Luiz Maria. *A Reforma Protestante*. São Paulo: Ática, 1990.